



PUC
RIO

ROBERTO JORGE CHEIB

SOBRE O LUGAR DO ANALISTA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, 30 DE AGOSTO DE 1989.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 C515 TESE UC
Título Sobre o lugar do analista



Ex.2 PUCB

0039252

Roberto Jorge Cheib

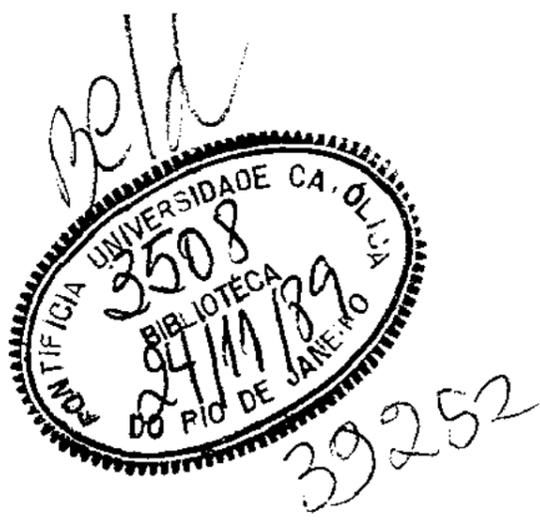
SOBRE O LUGAR DO ANALISTA

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Circe Navarro Vital Brazil

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1989.

UC - 000 2149 - A



150
C515
TESE UC

Para Ângela, Marcelo
e Carolina

e àqueles que,
ao me procurarem,
me ensinam meu lugar.

Meus agradecimentos

- a Circe Navarro Vital Brazil, orientadora da dissertação, pelo apoio e espaço.
- a Cristina Valli e ao Laboratório de Computação da UFES, pela facilitação na execução deste trabalho.
- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES/MEC), pela ajuda financeira recebida durante o curso.

RESUMO

O lugar do analista é estrutural no processo analítico. O analista dá suporte a essa função mas é, ao mesmo tempo, ultrapassado pela mesma. Para poder "ocupar" esse lugar, eticamente, o analista necessita ter passado pela experiência da análise. Pois só a psicanálise - e esse é seu fim - faz essa passagem de analisando a analista. Essa exigência ética, que é afirmada tanto por Freud quanto por Lacan, mostra que para esse lugar confluem vetores os mais diversos, como: a transferência, a interpretação, o ato analítico, o sujeito do inconsciente e a autorização, entre outros - confirmando-o como impossível.

ABSTRACT

The place of the analyst is structural in the analytical process. The analyst gives support to this function but he is, at the same time, surpassed by it. To be able to "occupy" this place ethically, the analyst needs to have been through the experience of psychoanalysis himself, because only psychoanalysis - and this is what its purpose is - can make possible the passage from being analyzed to becoming an analyst. This ethical requirement, which is affirmed by both Freud and Lacan, shows that to this place vectors of various kinds converge, such as the transference, the interpretation, the analytical act, the subject of the unconscious - among others -, all confirming this place as impossible.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. FREUD: A INVENÇÃO DA PSICANÁLISE	3
2.1. O INÍCIO	3
2.2. FREUD COM A PALAVRA	5
2.3. ROMPIMENTO COM BREUER	7
2.4. OS PRIMEIROS PASSOS: A DEMARCAÇÃO	13
2.5. O LUGAR DO ANALISTA	17
3. LACAN: O RETORNO A FREUD	23
3.1. SOBRE OS DISCURSOS	28
3.2. SOBRE O MATEMA	32
3.3. SOBRE OS NÓS	34
3.4. DE VOLTA AOS QUATRO DISCURSOS	36
3.5. A VERDADEIRA FARSA	47
3.6. SOBRE O "LUGAR DO ANALISTA", EM LACAN	49
3.7. O QUE É UM ATO?	53

3.8. O ATO E O PSICANALISTA	55
3.9. A RESISTÊNCIA ESTÁ NO ANALISTA	57
3.10. A DIVISÃO DO SUJEITO	59
3.11. A "EXISTÊNCIA" DO PSICANALISTA	61
4. CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	73
BIBLIOGRAFIA	77

1. INTRODUÇÃO

A pretensão deste trabalho é de, em primeiro lugar, pinçar - da obra freudiana - trechos que falem do lugar do analista. Melhor ainda: o que Freud experienciou e o que, sobre isto, transmitiu àqueles que, desde então, buscam acompanhá-lo neste ato.

O texto de Freud tem um vigor próprio. É incomodativo. Como brasa a arder-nos as mãos. Apontam, com uma clareza ímpar, para a impossibilidade da tarefa de ser analista.

Reler essas passagens é um eterno despertar, pois que a tendência dos psicanalistas - a experiência e a história falam disto - é de adormecimento.

A presença de Lacan no cenário psicanalítico tem a força de uma sacudidela. Lacan aborda também, é claro, essa questão do lugar do analista, com influência de áreas e conhecimentos afins.

Se introduz a lógica e a topologia, se cria neologismos, se se inspira nos gregos, se usa de uma linguagem barroca, o faz, enfim, visando tornar a psicanálise transmissível, reduzindo-a a fórmulas e matemas - para tentar retirá-la do inefável e poder dar conta do que se passa na experiência clínica.

Lacan elabora novos conceitos, como o de sujeito-suposto-saber; aborda questões delicadas, como a do ato analítico, a da autorização e mesmo da formação do analista e, sobretudo, resgata a estrutura do inconsciente freudiano, casando-a com a linguística, donde seus aforismos: "o inconsciente estruturado como linguagem" e "o inconsciente é o discurso do Outro".

Esse turbilhão, Lacan o produziu bebendo nas águas de Freud. Mas repassou essa fonte de forma original. Para isso teve que pagar um preço, certamente. Talvez fosse melhor dizer, então, que ele foi repassado pela água de vida (dívida) que sorveu em Freud. A dívida simbólica, com o significante.

A cada um, o defrontar-se com essa questão: de vida e morte.

2. FREUD: A INVENÇÃO DA PSICANÁLISE

2.1. O INÍCIO

O próprio Freud (1925d, p. 19-29) relata o caminho que percorreu desde os estudos universitários, passando por interesse e concentração de estudos e pesquisa em torno do Sistema Nervoso Central, até começar a estudar as doenças nervosas, tendo à sua disposição, na época, apenas a eletroterapia e a hipnose.

"Ocorreu assim, como algo natural, que, nos primeiros anos de minha atividade como médico, meu principal instrumento de trabalho, afora os métodos terapêuticos e não sistemáticos, tenha sido a sugestão hipnótica" (1925d, p. 28).

Se, por um lado, Freud foi defensor do tratamento hipnótico e tradutor, inclusive, de algumas obras - de autores como Charcot e Bernheim - por outro lado, a prática levou-o a queixar-se de dois pontos: primeiro, que ele não era capaz de hipnotizar todos os pacientes e, segundo, que ele não conseguiu colocar todos os pacientes num estado tão profundo de hipnose como teria desejado.

Os escritos freudianos dessa época revelam não só um Freud defensor do método que utilizava, capaz de dialogar com seus opositores (característica que o acompanhou sempre) e ir respondendo às supostas questões que lhe pudessem ser feitas - como já apontavam para a seriedade necessária ao profissional

que utilizasse o método hipnótico. O que ele defendia teoricamente buscava pôr em prática: nesse sentido é que viajou para a França para estudos com Charcot, Liébault e Bernheim. Em 1888 ele faz uma introdução à tradução de "De la suggestion", de Bernheim - onde a exigência teórico-prática, presente nos futuros escritos sobre psicanálise, já aqui comparece:

"A técnica do hipnotismo não é tão fácil... É necessário estar imbuído de entusiasmo, paciência, grande certeza, e de uma boa dose de estratagemas e inspiração" (1888x, p. 146)

Mas se, mesmo ao utilizar o método hipnótico Freud o fez de outra maneira (como veremos adiante), chegando a discordar de Bernheim para quem a sugestão é um fenômeno patológico (1888x, p. 131) - e, por fim, rompendo com Breuer que criara o método catártico, vemos nesse percurso uma sensibilidade, uma ligação de:

2.2. FREUD COM A PALAVRA

"... as palavras são o instrumento essencial do tratamento mental. (...) as palavras que usamos em nossa fala diária não são senão uma mágica acentuada" (1905b, p. 297).

Porque teria Freud feito essa relação da palavra com a mágica?

Para explicar isso ele remonta aos tempos primitivos em que os sacerdotes, como representantes dos deuses, tinham o poder de curar e que, com o tempo, os médicos vieram pouco a pouco substituindo os sacerdotes nesta "arte". E Freud acentua aqui a importância da personalidade do médico como "um dos principais instrumentos para colocar o paciente num estado de espírito favorável à sua recuperação" (1905b, p. 306).

Nesse sentido é que se pode começar a compreender a "mágica" das palavras, pois que elas são

"o mais importante meio pelo qual um homem busca influenciar outro; as palavras são um bom método de produzir mudanças mentais na pessoa a quem são dirigidas. Nada mais existe de enigmático, portanto, na afirmativa de que a mágica das palavras pode eliminar os sintomas das doenças, e especialmente daquelas que se fundam em estados mentais" (id, ibid).

Se, por um lado, Freud diz que "a linguagem serve de substituto para a ação" (1893a, p.49) - por outro, ele vai descobrir que o inconsciente "fala" através dos sonhos ("estes ocupam o lugar de algum outro processo de pensamento" (1900a, p.103)) - dos chistes e do que ele chamou de psicopato-

logia da vida cotidiana (as mais variadas formas de parapraxias) e, finalmente, do sintoma.

Tempos mais tarde Freud volta a mostrar o respeito e importância que dá à palavra:

"... não desprezemos a palavra. Afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas. Sem dúvida 'no começo foi a ação' e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras. Mas originalmente a palavra foi magia - um ato mágico; e conservou muito de seu antigo poder" (1926e, p.214)

2.3. ROMPIMENTO COM BREUER

"Não posso dar melhor conselho a qualquer interessado no desenvolvimento da catarse até chegar à psicanálise, do que começar com Estudos sobre a Histeria e seguir assim o caminho que eu próprio trilhei" (1985d,- Prefácio à 2. ed. - p. 39).

Este conselho de Freud nos leva a retomar os passos que ele e Breuer, inicialmente, deram na utilização da hipnose, mas de uma maneira diferente da aplicada até então.

Em "Comunicações Preliminares" (1893) eles apresentam o método catártico - no qual utilizam a abreação - que consiste em:

"eliminar a eficácia (patogênica) da idéia que não foi abreagida, por ocasião da experiência traumática, permitindo que sua emoção estrangulada encontre uma saída através da fala; e submete essa idéia à correção associativa, introduzindo-a na consciência normal (sob a hipnose leve) ou eliminando-a por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia" (1895d, p. 58).

Freud e Breuer terminam esta "Comunicação" com duas afirmações: uma que, esse método, por ser radical, remove os resíduos dos sintomas crônicos ou dos ataques histéricos; a outra é que este método levou-os mais perto apenas dos mecanismos dos sintomas histéricos e não das causas internas da histeria.

A seguir Freud e Breuer apresentam os "Casos Clínicos" que ilustram o que haviam exposto anteriormente e apresentam suas divergências (se bem que não muito perceptíveis nesse trabalho. E. Jones é que fala delas mais claramente no livro que

escreveu sobre a vida de Freud). De qualquer forma, Freud assume a responsabilidade do que escreve na parte IV sob o título: "A psicoterapia da Histeria" (1895d, p.311-63) onde ressalta os seguintes pontos:

- novos pontos de vista (em relação ao tratamento) foram se introduzindo à força em sua mente (p.312);
- ao tentar aplicar o método de Breuer, deparou-se com duas dificuldades que levaram-no tanto a alterar a técnica quanto à maneira de ver os fatos:

1. nem todos os pacientes, que apresentavam sintomas histéricos indiscutíveis, podiam ser hipnotizados;

2. viu-se forçado a tomar posição quanto à questão do que essencialmente caracteriza a histeria (p.312);

- as causas determinantes que levam à aquisição das neuroses, deve ser procurada em fatores sexuais (p.313);
- existe outro obstáculo à eficácia do método catártico: como ele não pode afetar as causas subjacentes da histeria, conseqüentemente, não pode impedir que novos sintomas tomem o lugar dos que foram eliminados (p.318);
- necessidade de ampliar a memória dos pacientes (o que era feito pela hipnose) através de uma outra forma (p.324);
- seguindo o exemplo de Bernheim, Freud num primeiro momento insiste com os pacientes no fato de que eles sabiam e se lembrariam do ocorrido na hipnose, e num segundo momento já pede aos pacientes que se deitem, fechem os olhos e se "concentrem" em algo (p.324);

- Freud se apercebe, então, que tem que superar uma força psíquica (nos pacientes) que se opunha a que as idéias patogênicas fossem lembradas. Conclui que deve ser a mesma força psíquica que exerceu um papel na geração do sintoma histérico (p.325);
- surge a idéia de defesa: o paciente se defende de algo que preferiria não ter experimentado e que, pelo contrário, preferia esquecer (p.325);
- o 'não-saber' do paciente era de fato um 'não-querer-saber' (p.326);
- Freud diz que a tarefa do terapeuta é superar esta resistência. Para isso lança mão da pressão sobre a testa do paciente: este 'veria' algo (recordação, idéias), não deveria manter isto consigo, mas comunicar, sem nenhuma crítica, nem reticência (p.327);
- quando o paciente deprecia alguma idéia, é sinal de que a defesa foi bem sucedida: ela tenta transformar uma idéia forte numa fraca, ou roubá-la de sua emoção (p.336);
- a tarefa do terapeuta consiste em: fazer com que o paciente reproduza as impressões patogênicas (que provocaram o sintoma) e externe-as com uma expressão de emoção (p.339);
- Freud ressalta ainda, mais uma vez, a importância da influência pessoal do médico, dizendo não haver processo terapêutico que possa dispensar esse elemento (p.340);
- quando a relação médico-paciente é perturbada, constitui o pior obstáculo que se pode encontrar (p.359);
- Por fim, Freud diz que, no início, ficara aborrecido com

este aumento de trabalho - até que veio a perceber que todo o processo obedecia a uma lei (p.361).

Estas posições, Breuer não as assinou.

Se só em 1914 é que Freud chega a escrever: "a psicanálise é criação minha" (1914d, p.16) - faz neste momento, também, um balanço de seu relacionamento com Breuer e da posição deste frente à Psicanálise.

Primeiramente, Freud afirma que

"não tem grande importância que a história da psicanálise seja considerada como tendo início com o método catártico ou com a modificação que nele introduzi" (id, p.17).

Em seguida, mostra como a familiarização com o método de Breuer, de investigar pacientes em estado hipnótico - era mais atraente do que as proibições usadas na sugestão e que estas eram impecilho a qualquer pesquisa.

Freud aponta, então, sua primeira divergência com Breuer: este constrói a teoria dos 'estados hipnóides' cujos produtos se supunham penetrar na "consciência desperta" como corpos estranhos não assimilados, enquanto Freud encarava a própria divisão psíquica como efeito de um processo de repulsão, o que mais tarde vem a ser chamado de recalque - para, então, em segundo lugar, reforçar o elemento da sexualidade - já apontado também por Breuer no caso da primeira e famosa paciente dele, cujo tratamento ele interrompeu surpreendido por um "fato inconveniente" - como causa dos sintomas histéricos e como sustentação do que se chamaria mais tarde "transferência".

Ao não abrir mão da questão da etiologia sexual nas neuroses, Freud se viu assumindo a luta por uma idéia nova e original. Mas acaba se recordando de que esta idéia não se originara nele: três pessoas - Breuer (mais uma vez), Charcot e Chróbak - haviam-lhe transmitido um conhecimento que, rigorosamente falando, eles próprios não possuíam. No que se refere a Breuer o caso foi o seguinte: ele e Freud passeavam juntos pela cidade, quando se aproximou um homem e fala a sós com Breuer. Era o marido de uma paciente dele que trazia notícias dela. Esta se portava de maneira tão peculiar que fora levada para tratamento de doenças nervosas. "Estas coisas são sempre 'secrets d'alcôve.'", diz Breuer. Quando Freud lhe pede que explique, Breuer responde explicando o termo alcôve ("leito conjugal") "pois não se deu conta de quão extraordinário o assunto de sua declaração me parecia" (1914d, p.23).

Freud parece, o tempo todo, estar dizendo que Breuer teve tudo para demarcar este campo chamado Psicanálise mas, apenas ele, Freud, ousou pagar o preço dessa demarcação. Nesse sentido é que ele não se furta em reconhecer o valor das contribuições recebidas - como não hesita em apontar os desvios e cortes teóricos, como afirma ainda:

"como há muito já reconheci que provocar oposição e despertar rancor é o destino inevitável da psicanálise, cheguei à conclusão de que devo ser eu o verdadeiro criador do que lhe é mais característico" (1914d, p.17).

Mesmo assim Freud não se abateu, nem cedeu naquilo que obstinadamente buscava:

"(...) meus adversários consideravam a psicanálise como um produto de minha imaginação especulativa, e não estavam dispostos a crer no trabalho longo, paciente e imparcial que fora dedicado à sua elaboração" (1925d, p. 65).

Freud chega a se queixar da solidão a que foi relegado:

"Por mais de dez anos, após meu afastamento de Breuer, não tive seguidores. Fiquei completamente isolado. Em Viena, fui evitado; no exterior, ninguém me deu atenção" (1925d, p. 63).

2.4. OS PRIMEIROS PASSOS: A DEMARCAÇÃO

A partir de então, Freud elabora um processo terapêutico que descreve como "psicanalítico".

E a primeira aplicação que faz desse método é com o material dos próprios sonhos (dele) - para, em seguida, começar a comprová-lo também nos pacientes: o que fará no caso Dora.

Ao utilizar os sonhos como material, Freud desloca o trabalho da interpretação - que em outros métodos fica a cargo daquele a quem o sonho é narrado e que se supõe detentor de um saber sobre os simbolismos dos sonhos - para a própria pessoa que sonhou.

Freud acredita que os sonhos têm um significado e que é possível um método científico de interpretá-los. Os sonhos, então, podem ser "inseridos na cadeia psíquica que tem de ser remontada na lembrança oriunda de uma idéia patológica" (1900a, p.108).

A atitude de Freud em relação ao inconsciente é específica; ele trata "as idéias inconscientes, as sequências de pensamentos inconscientes e os impulsos inconscientes como se fossem dados psicológicos não menos válidos e irrepreensíveis que os conscientes" (1905e, p.110).

A questão da sexualidade é o outro ponto onde vai insistir, querendo provar que ela não se limita a interferir em uma única ocasião em algum ponto do andamento dos processos que caracterizam a histeria, "mas que fornece a força motivadora para cada sintoma isolado e para cada manifestação isolada de

um sintoma. Os sintomas da doença nada mais são que a atividade sexual do paciente" (1905e, p.111-2).

Inconsciente e sexualidade: estão aí dois referenciais importantes da psicanálise. Na medida em que Freud vai testando o método da associação livre (que obedece a uma lei), colocando o paciente para trabalhar (é este quem fornece o texto) e convencido de que a sexualidade está aí presente e aguardando o momento em que o inconsciente se manifeste (o inconsciente não resiste) - ele não deixa de estar atento ao inesperado. Ou então, ele revê o caminho já andado e avalia o que se passou. Algo de novo surge, sobretudo no caso Dora: é a transferência. Se foi nessa pedra que ele tropeçou, foi desse mesmo fato que ele tirou grandes conclusões.

Ele descobre que os poderes criadores da neurose não foram destruídos mas "se empenham na criação de uma classe especial de estruturas mentais, em sua maior parte inconscientes, às quais podemos denominar 'transferências'" (1905e, p.113).

O que são transferências?

De alguma forma Freud já se deparara com este obstáculo/motor do tratamento. Mas precisou de alguns anos para compreendê-lo e poder elaborá-lo: as transferências

"são as novas edições, ou fac-similes, dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade, que é característica de sua espécie: substituem uma figura anterior pela figura do analista. Em outras palavras: é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas à pessoa do analista no momento presente" (1905e, p.113).

A conclusão a se tirar daí é a de que a transferência é uma necessidade inevitável ao tratamento psicanalítico. Não há como evitá-la - ela surgirá sempre e é bom que seja espontaneamente (não colocar o paciente de sobreaviso), para não lhe tirar a credibilidade - mas há que 'combatê-la' como 'criação da doença'" (1905e, p.113).

Esta passa a ser a parte mais difícil do tratamento.

Não é a psicanálise quem cria a transferência; simplesmente a revela. Embora deva ser descoberta quase sem nenhuma ajuda (diferentemente do sonho, já que aqui o paciente fornece o texto) deve o analista ao mesmo tempo, ser prudente e não tirar conclusões arbitrárias... pois "é somente depois de analisada a transferência que o paciente atinge um sentido de convicção da validade das ligações estabelecidas durante a análise" (1905e, p.113).

Assim, a transferência, de obstáculo que é, passa a ser também o grande aliado do tratamento psicanalítico.

Se a transferência é a questão fundamental da psicanálise - voltaremos a falar disso - interpretá-la é uma arte. E a arte da interpretação é a "abordagem mais direta a um conhecimento do inconsciente" (1904a, p.260).

As mudanças e evoluções do método psicanalítico levaram, por um lado, a poupar esforços do analista (em relação ao estafante trabalho da hipnose) e, por outro, possibilitaram dar ao paciente o mais irrestrito acesso ao seu inconsciente - o que não é o mesmo que um conhecimento acerca do inconsciente - como ressalta o próprio Freud - conhecimento esse que se poderia

obter com leituras e informações, levando-o à comparação de que este conhecimento teria o mesmo efeito que a distribuição de cardápios em época de escassez de víveres tem sobre a fome. (cf. 1910k, p.211).

O método psicanalítico, enfim, é "o único que nos informa realmente sobre a origem e interrelação das manifestações mórbidas" (1905a, p.270).

2.5. O LUGAR DO ANALISTA

Podemos nos deter, agora, um pouco sobre o lugar que ocupa o analista neste método/processo psicanalítico e perguntar-nos que função exerce ele aí.

Se, como vimos, Freud (1895d, p.359) já chamava a atenção para a relação médico-paciente dizendo que a deterioração desta (relação) é o pior obstáculo ao tratamento, é que, de alguma forma, duas implicações já se acham aí presentes. A primeira é óbvia: é a de que o tratamento ao implicar a presença física de um outro (no caso, o analista) estabelece que o desenrolar dessa relação depende de como vai transcorrer o clima entre ambos (paciente-analista): confiança, credibilidade, etc... A segunda é que, levando em consideração a transferência, podemos afirmar que não só a pessoa do analista já não conta nesta relação, como também que ele está aí exercendo uma função. Podemos dizer que ele é uma metáfora, na medida em que substitui (e encarna) os significantes (pessoas, vivências, traumas) do paciente.

Assim podemos ir pinçando algumas afirmações de Freud, quer sobre a tarefa/função do analista, quer sobre as exigências implícitas àquele que ocupa esse lugar.

Se Freud chamava a atenção para a importância de se estar preparado para ocupar esse lugar, fazia-o de várias maneiras: ou dizendo que "não é fácil, nem pode ser praticado de improviso" (1905a, p.271) ou lembrando que "esta técnica não pode ser adquirida nos livros, como não pode ser descoberta independentemente, sem grandes sacrifícios de tempo, cansaço e de suces-

so" (1910k, p. 212).

Num outro momento passa a exigir uma qualificação importante do analista em seu trabalho: "não somente deve seu caráter ser ilibado... mas deve ele também ter superado em sua própria mente essa mescla de lascívia e pudicícia com que, infelizmente, tantos habitualmente consideram os problemas sexuais" (1905a, p. 277).

Não deixava de advertir que essa tarefa é árdua e que é grande a responsabilidade (cf. 1926e, p. 259). Ainda: "a atividade psicanalítica é árdua e exigente; não pode ser manejada como um par de óculos que se põe para ler e se tira para sair a caminhar. Via de regra a psicanálise possui um sujeito inteiramente ou não o possui em absoluto" (1933a, p. 186).

Se, por um lado, afirmava que "o caminho que o psicanalista deve seguir... é um caminho para o qual não existe modelo na vida real" (1915a, p. 216) ao referir-se ao amor transferencial - do qual o psicanalista não pode se afastar, nem repelir, mas ao qual deve recusar qualquer retribuição - e que "isto exige do analista muita habilidade, paciência, calma e abnegação" (1926e, p.258) - por outro lado estabelecia analogias ora com o educador, ora com o arqueólogo, ora com o químico ou então com o cirurgião, dizendo: "não posso aconselhar insistentemente demais os meus colegas a tomarem como modelo, durante o tratamento psicanalítico, o cirurgião, que põe de lado todos os sentimentos, até mesmo a solidariedade humana e concentra suas forças no objetivo único..." (1912e, p. 153).

Ainda sobre o amor, dizia que "a experiência não fala em favor de uma técnica afetiva..." (1912e, p. 156) e considerava

impossível a combinação do relacionamento amoroso com a análise (cf. 1915a, p. 216). Mas concluía por sua vez que "uma análise sem transferência é uma impossibilidade" (1925d, p. 56).

Se, por um lado, indicava como "o sentimento mais perigoso para um psicanalista a ambição terapêutica de alcançar, mediante este método novo e muito discutido, algo que produza efeito convincente sobre outras pessoas" (1912e, p. 153) - mostrava então, por outro lado, que "se é recompensado toda vez que se resolve ter fé nos próprios princípios teóricos e se persuade a não discutir a orientação do inconsciente ao estabelecer elos de ligação" (1911e, p. 124).

Recomendava que o analista "deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa" (1912e, p. 150). Dizia também que o psicanalista deve "ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado" (1912e, p. 157). Estabelecia que o psicanalista se deixasse controlar e guiar "pelas capacidades do paciente em vez de por seus próprios desejos" (1912e, p. 157). Encarecia ainda que o analista fosse "tolerante com a fraqueza do analisando..." (1912e, p. 158) e que soubesse esperar, que tivesse paciência: "o analista nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado" (1914g, p. 202).

Freud sabe que o curso que o tratamento pode tomar é de uma variedade infinita, e o compara ao jogo de xadrez no qual só se conhecem as aberturas e os finais - sendo desconhecidas e infinitas as jogadas intermediárias (cf. 1913c, p. 165).

Diz claramente que o psicanalista não pode transformar o paciente em propriedade privada, nem decidir por ele o seu destino, nem impor-lhe seus próprios ideais, nem formá-lo à sua imagem (cf. 1919a, p. 207). Mas afirma que é preciso saber manter insatisfeitos os desejos do paciente (sobretudo os que dizem respeito às suas relações com o analista): "CRUEL como possa parecer, devemos cuidar para que o sofrimento do paciente, em um grau de um modo ou de outro efetivo, não acabe prematuramente" (1919a, p. 207).

Se num momento relembra que se deve deixar "o paciente falar o tempo todo e não explicar nada a não ser o necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo" (1913c, p. 165) em outro momento chama a atenção para um elemento estrutural: "a catexia incluirá o analista numa das 'séries' psíquicas que o paciente já formou" (1912b, p. 134) e reforçará a regra da 'associação livre' dizendo que esta "garante em grande medida que nenhum fator da estrutura da neurose seja desprezado e que nada seja introduzido nela pelas expectativas do analista" (1925d, p. 55).

Se ao analista cabe interpretar, surge logo a questão: qual o momento certo? Fazer uma interpretação logo no início do tratamento é, para Freud, sinal de vaidade e falta de reflexão do analista (cf. 1913c, p. 183). Reconhecer o momento certo vem a ser uma questão de tato e prática. O analista, "mesmo nos estágios posteriores da análise, tem de ter cuidado em não fornecer ao paciente a solução de um sintoma ou a tradução de um desejo até que ele esteja tão próximo delas que só tenha de dar mais um passo para conseguir a explicação por si próprio"

(1913c, p. 183).

Mas se há algo que Freud não desconhece nem esconde é a própria impossibilidade da psicanálise: "quase parece", diz ele, "como se a análise fosse a terceira daquelas profissões impossíveis quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo. Evidentemente, não podemos exigir que o analista em perspectiva seja um ser perfeito antes que assuma a análise, ou em outras palavras, que somente pessoas de alta e rara perfeição ingressem na profissão". E aqui Freud aponta para a verdadeira formação do analista: "Mas ONDE e COMO pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade" (1937c, p. 282).

Freud diz ainda que o analista deve ser alguém capaz de se surpreender a cada análise, com cada paciente: "... os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se os enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições" (1912e, p. 153).

Essas passagens assim distribuídas, ainda que fora do contexto, não deixam de carregar a preocupação de Freud com aquele que se arrisca a ocupar o lugar do analista, assim como não deixam de mostrar claramente a ética do próprio Freud: ainda que impossível, ainda que ideal, o sujeito tem que pagar para ocupar esse lugar e, sobretudo, dar testemunho dessa mesma experiência, ou seja, dizer a quê veio.

3. LACAN: O RETORNO A FREUD

Lacan "relê" Freud e, ao fazê-lo, resgata o que há de essencial na obra e invenção deste, o que, inclusive, já se estava perdendo.

Ao retomar a descoberta freudiana que se encontra nos sonhos, nos atos falhos, na psicopatologia da vida cotidiana, nos chistes - e, com a contribuição da linguística, Lacan introduz o aforismo: "o inconsciente estruturado como uma linguagem", já incluindo aí, portanto, a linguagem como condição para o inconsciente.

Com seu trabalho de re-leitura da obra freudiana, Lacan não só resgata o de essencial que aí se encontra como também denuncia a "tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da palavra" (Lacan, 1966, p. 243).

O que se percebe, então, é que Freud detectara a mesma estrutura de linguagem que - ao mesmo tempo, em lugares diferentes e sem se conhecerem na época - Ferdinand de Saussure o fazia estabelecendo a linguística.

Como assinala Joel Dor, Freud, desde o início, percebe que os processos psíquicos inconscientes estão "submetidos à dimensão psíquica da linguagem e aos pontos de apoio nos quais esta dimensão se sustenta através da transferência" (Dor, 1989, p. 11).

Portanto, como diz Lacan, o sentido do retorno a Freud é o retorno ao sentido de Freud:

"trata-se de saber se sim ou não, a análise prosseguirá no sentido freudiano, procurando não o inefável, porém o sentido. O que quer dizer o sentido? O sentido é que o ser humano não é senhor desta linguagem primordial e primitiva. Ele foi jogado aí, metido aí, ele está preso em sua engrenagem" (Lacan, 1985, p. 383).

Ele nos lembra ainda que um psicanalista deve estar atento - e ser introduzido - a esta engrenagem, sabendo perceber a distinção entre **significante** e **significado** e exercitar-se com as relações e as redes que ambos organizam, mas que não se recobrem.

Trata-se, nesse 'retorno a Freud', de um re-encontro com o radicalismo do percurso freudiano, abandonando a vertente do psicologismo, do finalismo e do antropomorfismo na análise do inconsciente, para além das interpretações contrárias que dele haviam tirado (não sem autorizar-se pelas ambiguidades freudianas) os psicanalistas da época. (cf. Ogilvie, 1988, p. 30).

Lacan tenta 'retomar' Freud querendo repetir a singularidade desse percurso e o faz de uma forma específica, o que leva Roudinesco a dizer que ele se diz freudiano, mas na realidade se situa como intérprete de um texto.

Lacan subverte o signo linguístico, estabelecendo uma primazia do **significante** sobre o **significado**, reforçando a barra que os separa e, com isso, re-afirmando a crença freudiana no simbólico, a partir da experiência de Freud com o inconsciente:

"o sonho é uma charada (diz Freud). O que teria sido necessário que ele acrescentasse para que não esperássemos as palavras da alma? As frases de uma charada jamais tiveram o menor sentido, e seu interesse, aquele que tomamos em seu deci-

framento, não se deve ao fato de que a significação manifesta em suas imagens é caduca, tendo por alcance unicamente o de fazer ouvir o significante que ali se disfarça?" (Lacan, 1966, p. 470).

Lacan diz que, com Saussure e o Círculo de Praga, a linguística se institui por um corte que é a barra colocada entre o significante e o significado, para que prevaleça aí a diferença pela qual o significante se ordena em uma autonomia. Ao demarcar essa autonomia, a ponto de inverter o signo saussureano (de $\uparrow \begin{matrix} \text{S} \\ \text{S} \end{matrix} \downarrow$ para $\frac{\text{S}}{\text{S}}$) Lacan estabelece também o que se chama a "lei do significante", definindo o sujeito como o que é representado de um significante para outro significante.

A solidariedade entre (ambos) os membros do algoritmo desaparece ao desaparecer o círculo que em Saussure os engloba; seu equilíbrio se esfuma ao transladar-se o peso da determinação do significado ao significante cuja primazia Lacan postula; a barra tem um novo e insólito valor ao tornar-se "barreira" resistente à significação.

Assim nada mais une um significante a um determinado significado. O significante cessa de ser "representação" do significado, do sentido pré-existente.

O significante em sua concatenação metaforonímica determina o efeito de sentido. Não há, pois, sentido algum, "verdade" alguma que o significante represente ou traduza.

O sentido cai enquanto intencionalidade do discurso da consciência que 'conhece', que 'sabe', para surgir como produção - cifrada - da articulação significante.

O próprio Lacan reafirma sua teoria da lógica do signifi-

cante ao responder, num debate, a Michel Foucault:

"gostaria de observar que, estruturalismo ou não, não se trata absolutamente, no campo vagamente determinado por esta etiqueta, da negação do sujeito. Trata-se da dependência do sujeito, o que é extremamente diferente; e particularmente ao nível do retorno a Freud, da dependência do sujeito com referência a alguma coisa de verdadeiramente elementar, e que tentamos isolar sob o termo 'significante' " (Ogilvie, 1988, p.46).

Como vimos anteriormente, Freud ao aplicar aos sonhos a mesma técnica que aplicara a manifestações psicológicas tais como a obsessão e a angústia - isto é, o método das associações livres - o que ele acaba detectando é uma estrutura que comparece de formas diferenciadas e às quais vai denominar de 'formações do inconsciente'.

Se a teoria freudiana do sonho não autoriza, absolutamente, que se prescindia da palavra do sujeito para desvelar o inconsciente - Lacan apresenta essa outra idéia também extraída do corpus freudiano, como sendo uma das propriedades mais fundamentais do inconsciente: a de não poder se fazer ouvir, por um sujeito, por nenhum elemento significante previsível antecipadamente (cf. Dor, 1989, p. 16).

Importante assinalar também que, para Freud, um discurso diz sempre mais do que estima dizer - bastaria para isso retomarmos o trabalho que ele faz ou com os sonhos, ou com as parapraxias ou mesmo na escuta clínica. Ele nos mostra que um discurso pode significar algo totalmente diferente do que enuncia.

É por aí que Lacan trafega, chegando a fazer o texto freudiano dizer o que ele não diz, ao se colocar na posição de in-

térprete, como foi dito acima.

Para dar continuidade à linha que demarcamos no pensamento freudiano, precisamos entrar em contato com os matemas lacanianos, como um primeiro passo, para chegarmos, finalmente, ao lugar do analista com as contribuições de Lacan e numa retomada do que vimos em Freud.

Lacan introduz o conceito de matema e o aplica também aos "quatro discursos" que ele estabeleceu. Veremos como foi surgindo esse processo na obra lacaniana.

3.1. SOBRE OS DISCURSOS

E. Roudinesco diz que foi essencial a descoberta da obra de Wittgenstein - sobretudo o *Tractatus Logico-Philosophicus* - para a elaboração, por Lacan, do que veio a ser chamada a reformulação matemática que ele implantou na psicanálise.

"O *Tractatus* experimenta os limites da lógica e do logicismo. Para Wittgenstein, a única utilização correta da linguagem é exprimir os acontecimentos do mundo. A partir daí, a filosofia passa a ser um jogo de linguagem que permite "curar" a filosofia através de uma nova prática dela mesma. Por isso é que os aforismos wittgensteinianos propõem uma resposta à pergunta: que é que se pode exprimir? Esta é resumida nos seguintes termos: 'o que pode ser dito, pode ser dito claramente, e quanto àquilo de que não se pode falar, é preciso deixá-lo passar em silêncio'. Assim, o que não se pode dizer é definido como um resto, e nesse resto Wittgenstein inclui o sentido ético e estético, designado sob a categoria do inefável ou do indizível. Dois domínios são incompatíveis: o que se diz, de um lado e o que se mostra, do outro. Com essa incompatibilidade, a filosofia chega a re-

conhecer a obrigação do silêncio e de uma espécie de 'não-todo' que escapa à formalização" (Roudinesco, 1988, p. 607).

Essa incompatibilidade entre o dizer e o mostrar interessa a Lacan.

Com o Seminário "O Averso da Psicanálise" (1969-1970) Lacan vai ao encontro da problemática wittgensteiniana do resto, do inefável e do não-todo, ou seja, dos limites extrínsecos e intrínsecos da formalização

Aliás, em Radiofonia (1980, p. 67) Lacan já respondia a seu interlocutor que perguntava se saber e verdade eram complementares: ele dizia que não. Melhor ainda, que este era um problema que ele não se colocava, pois não há todo. Há, sim, uma impossibilidade do saber de dar conta da verdade.

"A leitura de Wittgenstein", aliada a todo um contato com a matemática e a topologia (banda de Moebius, sem direito nem avesso - que dá a imagem do sujeito do inconsciente; o toro ou a câmara de ar que designa o buraco, a falta ou a hiância, isto é, um lugar constitutivo que, não obstante, não existe; o boné cruzado que permite fechar a banda de Moebius, e a garrafa de Klein que representa uma superfície oca) como elemento ilustrativo da teoria lacaniana e utilizadas por Lacan a cada etapa da elaboração de sua doutrina, - "leva à criação, em 1970, de uma nova terminologia destinada a pensar o estatuto do discurso psicanalítico em sua relação com outros, sobretudo com o discurso universitário" (Roudinesco, 1988, p. 608).

Para isso, Lacan busca passar do dizer ao mostrar - o que leva os sujeitos que o escutam a se engajarem num processo que

decorre mais da exposição do que do discurso. Processo esse que o próprio Lacan diz poder se tornar um ato, no caso um ato analítico, na medida em que se torna a antítese do ensino.

Se Lacan fica fascinado com os aforismos do *Tractatus*, nem por isso conclui, como Wittgenstein, pela manutenção necessária dos incompatíveis. Tenta, ao contrário, pensar o domínio do inefável integrando aí o "não-todo".

Ele sabe que o discurso psicanalítico continua acochado por suas origens hipnóticas e corre sempre o risco de pender para a religião da transferência, isto é, para a religião pura e simples. Na medida em que o amódio (em francês, *hainamoration*) - esse ódio ligado ao amor, é a origem da transferência religiosa.

Quando a psicanálise se reduz a uma terapêutica ou à transferência, ela tende para a magia e o não-ensinável: torna-se uma prática religiosa, podendo evoluir para o dogma, se transformando, então, numa Instituição como a Igreja, por exemplo, ou num saber universitário. Essas questões institucionais sempre estiveram no horizonte lacaniano, tanto de sua prática (ao fundar sua própria Escola), quanto de sua teoria. Para escapar à vertente do inefável, da magia ou do religioso, sem pender para o dogma da verdade, "é preciso que o discurso psicanalítico seja capaz de se ensinar, isto é, de reduzir ao máximo o domínio desse inefável" (Roudinesco, 1988, p. 609).

Inspirando-se na noção de grupo quaternário da Idade Média Latina e através do ensino de Guilbaud (matemático com quem dialogou por mais de 30 anos), Lacan constrói um objeto matemático ao qual dá o nome de quadrípedes. Estes brotam de duas es-

pécies de inversões destinadas a mostrar a organização do mesmo no diferente, da multiplicidade na unidade. Depois, em sua álgebra cotidiana, Lacan define quatro termos: o S1 ou significante primordial, o S2 ou saber inconsciente, o S ou sujeito barrado e indizível e, por fim o a, objeto, falha, busca, resto ou falta.

Os quatro termos são sucessivamente colocados em quatro posições ou lugares:

$$\frac{\text{o agente}}{\text{a verdade}} \quad \xrightarrow{\quad} \quad \frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$$

//

pois a verdade interfere, latente sob aquilo que só aparentemente desempenha o papel de agente e, nos dispositivos do discurso, atuando sobre o outro, alguma coisa é produzida de cada vez.

3.2. SOBRE O MATEMA

O termo matema não pertence ao vocabulário da matemática. É forjado, ao que parece, a partir do mitema de Claude Lévi-Strauss e da palavra grega mathema, que significa conhecimento, ou aquilo que se aprende.

Sua relação com o campo da matemática é deduzida por Lacan da loucura de Cantor: "se essa loucura", diz ele em essência, "não é motivada por perseguições objetivas, está relacionada com a própria incompreensão matemática, isto é, com a resistência provocada por um saber considerado incompreensível" (Roudinesco, 1988, p. 610).

Lacan não se incomoda de comparar seu ensino ao de Cantor porque o que está em questão é: como transmitir de modo adequado um saber que tem a aparência de não poder ser ensinado? Para isso ele inventa o termo matema, fornece várias definições dele, após passá-lo do singular para o plural e do plural para o singular. Articula seus quadrípedes com o matema e define este último como a escrita do significante, do um, do traço, da letra, ou seja, a escrita daquilo que não se diz mas que pode ser transmitido (cf. Roudinesco, 1988, p. 610).

Ao agir dessa maneira, Lacan toma uma direção contrária à de Wittgenstein. Ao buscar uma forma de transmitir integralmente, opta por arrancar o saber do inefável e não conclui pela separação dos incompatíveis.

Essa forma é o matema, porém o matema não é o lugar de uma formalização integral, já que pressupõe um resto que lhe escapa

permanentemente.

Mas disso ele não abre mão. Pelo contrário, Lacan reafirma a necessidade dessa formalização que passa a ser, então, um fim, um ideal. Por que? "Porque só ela é matema, quer dizer, capaz de transmitir integralmente. A formalização matemática é a escrita, mas que só subsiste se eu emprego, para apresentá-la, a língua que uso" (Lacan, 1982, p. 161).

Assim definido, o matema inclui matemas, isto é, o conjunto das fórmulas da álgebra lacaniana que permitem ensinar alguma coisa. Da mesma forma, os discursos já não são incompatíveis podendo-se portanto ensinar a psicanálise na universidade, como um matema, sem reduzir este último ao discurso universitário.

Lacan diz que um ensino é uma tese, e não um ato. Mas lembra que toda tese tem uma anti-tese: nesta, então, está a possibilidade do comparecimento do ato. Neste sentido é que a psicanálise pode ser ensinada sem se reduzir ao discurso universitário. É uma possibilidade e não uma garantia antecipada.

3.3. SOBRE OS NÓS

Também com a ajuda de Guilbaud, Lacan descobre o nó ou os nós borromeanos. Ele se depara com a história da família Borromeu: as armas dessa dinastia milanese constituem-se de três círculos em forma de trevo, simbolizando uma tríplice aliança. Se um dos anéis for retirado, os outros dois ficarão livres.

O nó borromeano, pois, não é uma invenção lacaniana - mas já faz parte da história da topologia desde 1892.

O interesse de Lacan se refere a dois pontos, sobretudo: 1º) sua prática decorre, primeiramente, de uma demonstração e da possibilidade de se enganar, para apontar seu erro com o dedo e corrigi-lo. Através dela, torna-se manipulável no espaço uma estrutura ligada à linguagem: ao que pode ser dito e ao "não-todo" do dizer.

2º) Além disso, Lacan reencontra aí sua famosa triangulação do Simbólico, do Imaginário e do Real, transformada em RSI, verdadeiro trevo borromeano dominado pelo peso do Real (cf. Roudinesco, 1988, p. 611).

O nó mostra o que o matema transmite. Os discursos têm sua própria estrutura e a lógica do nó vem mostrar que todo discurso só sustenta seu sentido a partir de outro discurso, enquanto o "aquilo de que não se pode falar", de Wittgenstein, confunde-se com o pequeno a, o resto.

Podemos assinalar, como adiantamento do que será dito posteriormente, que a rotação dos discursos é algo dinâmico (dinamismo esse que é 'fruto' da presença-ação do inconsciente) e

aponta para o que nos interessa de perto aqui: a cada passagem de um discurso a outro, há sempre alguma emergência do discurso analítico.

O matema é ensinado como escrita do um, como o ensinável arrancado do inefável, e o nó só faz mostrar; nesse sentido, é também o oposto do matema, pois não se transcreve.

É fabricado da mesma maneira que a mulher rendeira tece sua renda. Dissolve, faz ver, desconstrói os dogmas, num jogo infinito de anéis e aberturas. Ele é a metáfora do fato de que tudo procede do um, mas serve também para apresentar esta metáfora, já que nenhuma formalização da língua é transmissível na imagem da própria língua (cf. Roudinesco, 1988, p.612).

3.4. DE VOLTA AOS QUATRO DISCURSOS

Como vimos, Lacan reivindica a primazia da cadeia significante, cadeia essa que se desenvolve além de qualquer sujeito voluntário, consciente; e a articulação da cadeia produz o discurso.

Ele estabeleceu, então, quatro discursos: o do Mestre ou do Senhor, o da Histórica, o Universitário e o do Analista. O que não quer dizer que não possa haver outros. Mas foram apenas esses quatro que ele matemizou.

E esses quatro discursos, é importante ressaltar, não são discursos sociológicos, mas têm como objetivo dar conta da experiência analítica.

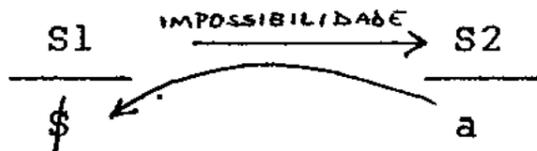
O discurso é um modo de uso da linguagem como vínculo. Só há vínculo social naquilo que se designa como discurso, vínculo só possível entre seres que falam. O discurso não se funda, então, no sujeito mas na estrutura da linguagem e, portanto, na do significante.

Não se trata de querer identificar qualquer discurso efetivamente pronunciado a um desses quatro discursos. A análise dos quatro é somente para designar os pólos de atração em direção aos quais todo discurso é puxado. São modelos aos quais nenhum discurso que existe pode ser rigorosamente identificado. Não há também modelo ideal de discurso. Ao contrário, eles se organizam numa interdependência, como vimos há pouco, ao falarmos da dinâmica dessas estruturas. E nenhum deles existe sem os outros três.

A estrutura do discurso aparece, assim, constituída de elementos, cada um dos quais é "significante" para aquele que o precede, conforme a própria ordem da cadeia do inconsciente.

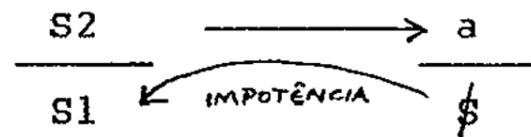
Como já vimos anteriormente, os lugares dos discursos são fixos, sendo que os elementos variam e se ordenam na ocupação desses lugares, constituindo assim discursos diferentes:

Discurso do Mestre



- se esclarece por 'regressão' do:

Discurso Universitário

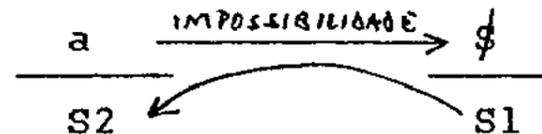


- se esclarece por 'progresso' no:

Discurso da Histérica



Discurso do Analista



Lacan sublinha que o real que passa por aí, e que cria o discurso (é a articulação do significante), se marca por uma impossibilidade e uma impotência.

A impossibilidade vem a ser o próprio acontecimento do discurso, apenso à questão do outro.

A impotência vem a ser a contradição que há entre a verdade que o discurso enuncia e o efeito que produz: o que é signi-

ficante para aquele que sustenta o discurso não é o que se coloca como significante, ou seja, o efeito produzido no outro.

Os discursos mantêm entre si relações de oposição e suplementação. A relação entre eles deve ser pensada como uma relação de trama, de textura, de direito e avesso, como um pano cujo desenho varia segundo a disposição dos fios significantes: seu horizonte teórico é a banda de Moebius.

Não há entre os discursos relação alguma de causa-efeito, eles não se explicam um ao outro. Nenhum desses discursos é a 'verdade', mas a verdade como lugar está presente em cada um deles, sempre oculta, e sempre em disjunção com sua produção. Sendo a verdade quem sustenta ocultamente esse movimento do agente, fazendo operar o outro para produzir algo - esse movimento tem muito a ver com a mais-valia de Marx, na medida em que há essa impossibilidade de recuperar a força que vai até a produção.

Esses discursos nós não os escolhemos, nos escolhem e nos arrastam além de nossa vontade, de nosso 'querer dizer', nos falam apesar de nós.

Veremos que há um discurso em que o saber inconsciente surge no lugar da verdade. É o discurso analítico, o único que pode enunciar o inconsciente. Ele é, por isso mesmo, e embora tenha aparecido enquanto tal em último lugar na história, o discurso primordial, de onde derivam os outros três.

Esses matemas discursivos nos trazem duas questões que R. Chemama assim nos apresenta:

a primeira: em nome de quê esse discurso, questão que pode ser trocada em duas: a) o que é que organiza aparentemente esse discurso, o que é que desempenha o papel de agente?

b) o que é que mais fundamentalmente o organiza, qual é sua verdade?

a segunda: em vista de quê esse discurso, quer dizer:

a) qual é o outro ao qual esse discurso aparentemente se dirige?

b) mais importante, sem dúvida, qual é o produto que um tal discurso engendra? (Cf. Chemama, 1976, p.135-6)

Antes de abordarmos cada discurso, podemos ainda falar um pouco sobre cada um dos lugares da estrutura discursiva:

outro: Há primeiramente o outro, sem o qual o discurso não se produziria. O outro não é simplesmente aquele a quem o discurso se dirige, mas aquele que questiona: o discurso advém como resposta significativa a esse "outro", lugar da questão. Melhor: aquele ao qual o discurso se dirige é ao OUTRO, alteridade irredutível.

agente: Para esse outro, aquele que sustenta o discurso é, enquanto tal, significante. Lacan o determina como agente. É por seu "ato" de discurso que o efeito se produz. O agente é quem, aparentemente, organiza o discurso: é o lugar da aparência.

verdade: O discurso não poderia ter consistência se a "verdade" que ele enuncia não fosse também a verdade do agente. É este o lugar que fundamenta o discurso, que o sustenta além do circuito agente-outro.

produção: O último elemento da estrutura do discurso é o efeito produzido no outro e sobre o outro, o que Lacan chama de produção. O discurso inteiro só é significante por causa desse efeito.

Vejamos agora, então, cada um dos discursos:

Discurso do Mestre: é o discurso mais comum. Discurso por excelência, uma vez que sua tese é que tudo deve submeter-se à lei, que há um mundo como totalidade exclusiva ordenada pela lei. Há um saber sobre tudo.

É um discurso marcado pela vontade de domínio, e busca desconhecer o sujeito em sua divisão.

A constituição do significante como tal (S1) é, pois, o que especifica o discurso do Mestre. Ela implica a referência à cadeia significante (S2) que contribui para constituir e que prolonga, o que se escreve $S1 \longrightarrow S2$.

O que assina o êxito do discurso do mestre é que ele advém da subjetividade do autor. A pretensa objetividade do cientista é a retirada da subjetividade do autor. O que significa não que a subjetividade não esteja aí, mas que ela não tem nenhuma importância para a inteligibilidade do texto, que não deve ter seu alcance significante senão de sua própria coerência.

A retirada da subjetividade no discurso do mestre se escreve colocando o $\$$ sob a barra, para mostrar que o sujeito não está no discurso manifesto: $\frac{S1}{\$}$ e assim mantém o mito da suposta identidade entre o sujeito e o significante que o representa.

Discurso Universitário: A tese desse discurso consiste em que é preciso buscar a mestria.

Colocado como ideal no discurso, essa mestria torna-se, por isso mesmo, irrealizável. Primeiro para o outro, sobre o qual o discurso universitário produz como efeito fazê-lo experimentar sua falta (\$), mas também para o agente do discurso, o universitário, que entretanto "sabe" (que é até mesmo "todo saber", nada além de saber, diz Lacan).

Esse saber é plenamente um saber, mas é próprio do discurso universitário que o significante-mestre em que se baseia todo saber funcione aí, ao mesmo tempo, como um modelo identificatório.

Daí a aparência de que o universitário não tem um saber verdadeiro, experimentado por ele como tal, e de que é apenas o conservador e transmissor do saber real dos "grandes autores". Seu saber é um saber verdadeiro, mas que se reveste de referências aos "mestres". Nesse aspecto, ele é o guardião da letra, seu "ministro".

Diz Lacan a propósito da impotência própria do discurso universitário: "é a hiância onde o sujeito se precipita por dever supor um autor do saber" (1980, p.74).

O discurso universitário, como prolongamento obrigatório do discurso do mestre, privilegia a cadeia significante S2, isto é, o discurso constituído como saber. É com ele que se lida na universidade, onde se ensina o saber coletado junto aos mestres. Na universidade são os professores que lêem os mestres, ou supostamente o fazem. Na maioria das vezes eles próprios só lêem documentos de segunda mão.

A função da universidade é a de recolher e transmitir o saber, compreendido como informação organizada, capitalizada, cumulativa.

De certo modo, a universidade constitui obstáculo ao surgimento de significantes novos se forem destruidores da ordem estabelecida.

S2 ocupando o primeiro lugar, é sob a barra que deverá se colocar, o significante mestre S1, uma vez que não é ele que é levado em consideração como tal: S2

S1

O que é mais interessante para se considerar é o que produz o saber constituído: a divisão do sujeito (sujeitos assujeitados). Todo saber nos constitui como divididos...

Discurso da Histórica: é o discurso pelo qual aparece, não a letra e o verdadeiro saber, mas a ciência. "Por mais paradoxal que seja a asserção, a ciência retira seu ímpeto do discurso da histórica" (Lacan, 1980, p.61).

O sujeito, aqui, é aquele que mantém o discurso. Ele supõe o outro como sendo o senhor, que adquiriu o saber verdadeiro. Faz do outro seu ideal, e o ama. Assim amado enquanto sujeito suposto saber, o outro produz na escrita seu "saber", mas sem que esse saber possa jamais atingir sua verdade e escrever seus próprios limites.

Discurso que distribui o amor transferencial, mas em seu vínculo específico com o ódio: amódio.

O discurso da histórica é o que coloca a divisão do sujeito em primeiro lugar, dito de outra maneira, é o inconsciente em exercício, que põe o senhor 'contra a parede' para produzir um saber. Essa busca de significantes no outro revela a origem mesma da sugestibilidade histórica.

O que faz a histórica nada mais é do que significar-se ela mesma em sua subjetividade através dos sintomas que ocupam o lugar S_1 : $\$ \rightarrow S_1$. É o modelo por excelência do discurso do analisando - na medida em que funda, com Freud, a psicanálise e seu produto central: o inconsciente. O discurso histórico funda assim um saber, provoca a produção de um saber.

Discurso analítico: o discurso analítico faz com que surja, no lugar da verdade, o saber inconsciente. Sua tese é que o saber é que é significativo.

Não há "efeito de mestria" no contexto do discurso analítico. Sendo "avesso" do discurso do Mestre, implica como tal uma renúncia a todo discurso de domínio, a todo intento de legislação. O discurso analítico adquire seu estatuto renunciando, como propunha Freud, a todo intento de educação e governo.

O discurso do analista coloca o objeto a em primeiro lugar, situando-o em sua relação com o sujeito: $a \longrightarrow \$$.

Sua produção é justamente S_1 , significante que dará ao sujeito a chave de sua divisão.

O saber colocado no lugar da verdade caracteriza o discurso analítico. A verdade, no contexto do dizer analítico, aquele que pela via da associação livre nos conduz às formações do inconsciente, se opõe a todo conceito de verdade fundado na presença plena, na origem clara.

Frente à pergunta: o que é o saber como verdade?, a resposta de Lacan é: um enigma.

Mas ele ressalta ainda a importância do discurso analítico como laço social:

"O discurso que eu chamo analítico, é o laço social determinado pela prática de uma análise. Merece ser posto à altura dos mais fundamentais entre os laços que permanecem para nós em atividade" (Lacan, 1980, p. 97).

Enfim, o analista não faz mais do que possibilitar por seu discurso, a passagem do analisando ao lugar do analista.

3.5. A VERDADEIRA FARSA.

Antes de abordarmos a questão do lugar do analista, em Lacan, vamos falar um pouco sobre a farsa que o analista é convidado a jogar. Freud inventou um artifício em que o inconsciente pode ser nomeado de modo transmissível. Este artifício é uma FARSA e não uma iniciação, insiste Lacan.

Na iniciação há um ritual que é levado a sério pelo leigo, porque o leigo crê que há um mistério, supostamente conhecido pelos iniciados, pelos não-leigos, ao término da iniciação.

Existe, de um lado, um conjunto mais ou menos grande de pessoas que supõem que há um certo mistério sabido pelos iniciados. E os iniciados vivem dessa suposição, das outras pessoas, de que eles próprios, iniciados, conhecerão um certo mistério, depois de terminada a iniciação.

O mistério, qualquer mistério é, como para a psicanálise, o Real, ou seja, "a relação sexual é impossível", como diz Lacan. Isto é, há uma falta que é estrutural, no falante, no sujeito. Não há como ele ser 'completo'. A psicanálise não promete nenhuma sabedoria em função do conhecimento do mistério... e não vê nenhuma diferença entre os que a experimentam (a psicanálise) e os outros.

A psicanálise é uma farsa: não há nenhum mistério senão o Real mesmo; o analista não sabe de nada do que se passa com o analisando; o analista ocupa, em função de seu analisando, o

lugar (inocupável, aliás) do sujeito-suposto-saber, mas não o é (o sujeito-suposto-saber sendo simplesmente o sujeito do inconsciente); para ocupar o lugar do sujeito-suposto-saber, o analista, supostamente analisado, consegue ser um bom farsante, isto é, consegue levar a farsa a sério, ou seja, até às suas últimas consequências, seguindo a série dos movimentos farsantes.

Na iniciação, ao contrário, se leva a sério o ritual; é um embuste.

O que é uma FARSA? Em francês (farce) e no latim (farcire, farctu), significa RECHEIO. De onde temos a palavra: farto, fartura, enfarte.

Recheio, enchimento: a barriga do leitão assado e seu recheio = uma farsa (cf. Magno, 1980, p. 12-3).

Ao analista, o desafio de ser um bom farsante e de ocupar o lugar impossível.

3.6. SOBRE O "LUGAR DO ANALISTA", EM LACAN

Lacan também aborda a questão do lugar do analista. Certamente que não 'repete' simplesmente o que está em Freud, mas fala de uma forma diferente, dizendo, no fundo, a mesma coisa. O mesmo rigor, a mesma exigência, as mesmas questões. Só que Lacan faz esse trabalho com auxílio de elementos lógicos, topológicos - e o faz, sobretudo, nos anos de 1967-8, quando de seu Seminário sobre o "Ato Psicanalítico".

Qual a contribuição da lógica, neste assunto?

Para Lacan, trata-se de saber que jogo se joga. Ele diz que:

"em toda ciência, a lógica está definida como esta coisa que tem propriamente por fim reabsorver o problema do sujeito suposto saber". E ainda: "(...) da parte de um lógico, o que funda e legitima a existência da lógica é este ponto ínfimo, precisamente, quando se definiu o campo onde o sujeito suposto saber não é nada" (1967, p. 159-160).

Ora, para a psicanálise, como o próprio Lacan tematizou, o sujeito suposto saber é o pivô da transferência e esta é o próprio processo psicanalítico, é o próprio tempo de uma psicanálise; a transferência pertence à própria estrutura do discurso analítico.

Consequentemente, ao introduzir elementos lógicos, Lacan já está trabalhando com a destituição desse sujeito suposto saber.

Se, como vimos, Freud se deparou e tematizou o fenômeno da transferência, por sua vez Lacan ao introduzir o conceito de

sujeito suposto saber - o situa como fundamento transfenomênico da transferência.

A estrutura da situação analítica tem, por um lado, o analista como aquele que escuta o discurso do analisando, provoca-o a falar, a se entregar à 'associação livre' - e, por outro lado, o analisando como sendo essencialmente aquele que fala, que 'obedece' à regra, isto é, se entrega à associação livre: fato este que por si só implica já uma abertura à transferência.

O analisando se coloca na posição de buscar a verdade sobre si mesmo, sobre seu desejo, no limite da palavra, e o limite da palavra está aí, no analista enquanto grande Outro, enquanto esse sujeito a quem o analisando supõe um saber sobre si.

O fato de querer saber sobre sua própria verdade, implica um desconhecimento da mesma por parte do analisando, é óbvio; mas implica também que existe alguém que saiba. Este alguém o analisando julga ser o analista. Essa é a estrutura do sujeito suposto saber.

A transferência se instala em função do sujeito suposto saber, exatamente da mesma forma que foi sempre inerente a qualquer interrogação sobre o saber. Pelo fato de entrar em análise, o analisando faz referência a um sujeito suposto saber melhor que os outros.

Mas esse sujeito suposto saber é mítico, sublinha Lacan, quer dizer, existe em algum lugar alguma coisa que desempenha essa função.

Pois bem, qual é a tarefa da análise? A interpretação, a manipulação da transferência. Fora disso, inclusive, não existe ato analítico.

O analista aqui também se submete à regra do jogo, isto é, sabe não ser o sujeito suposto saber, mas se torna suporte para o mesmo.

E o que quer dizer a análise da transferência? Se ela quer dizer alguma coisa, não pode ser senão o seguinte: a eliminação deste sujeito suposto saber. O analista sabe que não existe um sujeito suposto saber e sabe até mesmo que tudo o de que se trata em psicanálise, em nome da existência do inconsciente, consiste justamente em riscar do mapa esta função.

Para que haja ato analítico, o analista tem que 'esquecer' o que se passou em sua própria experiência de análise, isto é, a redução ao que ela é desta função do sujeito suposto saber. O analista finge que a posição do sujeito suposto saber é sustentável - neste sentido ele deve ser um bom farsante - pois só assim o sujeito terá acesso a uma verdade da qual vai ser rejeitado para ser reduzido à sua função de causa de um processo em impasse.

O ato analítico consiste, pois, justamente nisto: suportar a transferência.

A regra que cerca essa operação chamada psicanálise, estrutura e define "um fazer". O analisando é aquele que fala. O analista é quem 'interpreta'. Neste sentido interpretação e transferência estão implicados no ato: um fazer ao qual o analista dá suporte e autorização. E a presença do ato é mesmo sustentada

ainda que o analista não faça nada.

3.7. O QUE É UM ATO?

"um ato é ligado à determinação de um começo, e muito especialmente ali onde há necessidade de determinar um começo, porque, precisamente não existe um. Que, enfim, exista um ato que seja criador e que esteja ali o começo" (Lacan, 1967, p.67-8).

Lacan diz ainda que, "se devemos introduzir ao nível da psicanálise a função do ato, é na medida em que este fazer psicanalítico implica profundamente o Sujeito. Esse sujeito está dentro da psicanálise, posto em ato" (Lacan, 1967, p.2).

A psicanálise é, pois, uma estrutura que situa uma experiência para o sujeito que ela inclui.

Merece, então, o nome de ato o decidir-se a fazer isto que se chama psicanálise, na medida em que esta decisão implica um certo engajamento.

Não terá ocorrido esse 'engajamento' ao próprio Freud, quando do nascimento da psicanálise? Podemos nos perguntar se este campo não existia antes. Certamente que todas as chances para isso estavam já aí (vimos isso em relação a Breuer, por exemplo) - pois que o inconsciente fazia sentir seus efeitos antes do nascimento da psicanálise. Mas a questão é: quem o sabia?

É nesse sentido que se diz que Freud inventou a psicanálise. Ela não foi criada por ele e sim inventada. Porque a psicanálise foi criada pelo inconsciente, que já estava aí. Freud criou a invenção chamada psicanálise (cf. Magno, 1986, p. 385).

O que vem a ser, pois, um ato para a psicanálise?

Essa invenção de Freud, ele a calcou sobre uma dimensão constitutiva de qualquer ato - ou seja, mesmo se deparando com ações acidentais ou ainda sintomáticas, o que Freud nelas encontra é sua dimensão significativa. Basta relembrarmos os primeiros trabalhos freudianos: são sobre ações as mais corriqueiras, como: sonhos, atos falhos, parapraxias... Freud diz que essas ações, os atos sintomáticos, assumem a dimensão de ato - no sentido psicanalítico - quando algo de novo e mesmo inaudito surge deles, mas no só-depois. É nessa dimensão que a psicanálise trabalha: com esse saber - novo - que surge do inconsciente, e que faz efeito sobre o sujeito falante.

3.8. O ATO E O PSICANALISTA

O ato, na psicanálise, está do lado do psicanalista.

Mas, começar a ser psicanalista, como sabemos, isso começa no fim de uma psicanálise.

Não há nada de abusivo, diz Lacan, em falar deste ponto girante, em falar da passagem de analisando a analista.

E o término da análise consiste "na queda do sujeito suposto saber e sua redução ao surgimento deste objeto a como causa da divisão do sujeito que vem em seu lugar" (Lacan, 1967, p. 78).

Vejamos como Lacan fala desse objeto a:

"é aqui que eu adianto que a importância que o sujeito dá à sua própria esquizo está ligada ao que a determina - isto é, um objeto privilegiado, surgido de alguma separação primitiva, de alguma automutilação induzida pela aproximação mesma do real, cujo nome, em nossa álgebra, é objeto a" (1982, p. 83).

Lacan diz ainda que, se o analista durante o processo de análise joga a partida enquanto sujeito suposto saber, no final do mesmo processo cabe a ele saber suportar não ser nada mais do que um resto. Este resto que é o objeto a. Este resto da coisa sabida.

O objeto "a" vem a ser a realização desta espécie de desejo que atinge o sujeito suposto saber. O analista sabe que não é o sujeito suposto saber, mas dá suporte à transferência e, no final da análise, quando o analisando se depara com o des-

ser do sujeito suposto saber - ainda será o analista que dará suporte ao objeto a.

Para o analista já existe um saber sobre o des-ser do sujeito suposto saber, como ele sabe também que este último é a posição necessária de partida de toda a lógica que sustenta a psicanálise.

Esta é toda a vantagem, a única, aliás, que ele tem sobre o analisando: a de saber por experiência o que é o sujeito suposto saber.

A dimensão do Outro, na medida em que o ato vem testemunhar alguma coisa, não é mais eliminável. A psicanálise é um fazer de pura palavra. É uma experiência a três - e não a dois - justamente porque toma a palavra como ela deve ser tomada: na sua dimensão simbólica, isto é, a palavra é quem cria uma ordem de ser novo nas relações entre os homens, a palavra instaura na realidade uma outra realidade.

Como diz ainda Lacan:

"a interpretação do analista não faz mais do que recobrir o fato de que o inconsciente - se ele é o que eu digo, isto é, jogo de significante - em suas formações - sonho, lapso, chiste ou sintoma - já procedeu por interpretação. O Outro, o grande Outro, já está lá, em toda abertura por mais fugidia que ela seja, do inconsciente" (1979, p. 125).

3.9. A RESISTÊNCIA ESTÁ NO ANALISTA

Lacan diz que, na análise, o que resiste não é o sujeito mas, sim, o discurso.

Para ele o que primeiro se apresenta na resistência é que o discurso não poderia chegar a ser alguma coisa.

A resistência vai comparecer realmente do lado do analista na medida em que este se recusa ao ato. Na realidade, o ato é algo que permanece em branco na estrutura da psicanálise e é em torno desse branco que o analista gira. Como vimos, o próprio Freud estabeleceu a interpretação como tarefa do analista, mas não precisou nem como, nem quando, nem o número de vezes. Lacan retoma esta questão, reformula-a, sem, contudo, 'aliviar' a tarefa ou preencher o 'branco': "fazer a boa interpretação no momento necessário é ser bom psicanalista" (Lacan, 1985, p. 31). Cabe a este se deparar com o movimento do analisando que, no início da análise, pega seu bastão, enche sua sacola, para ir ao encontro, ao ponto de encontro com o sujeito suposto saber.

Por outro lado sabemos que, se não existisse psicanalizando, não existiria psicanalista. O psicanalista se define neste nível da produção. Lacan diz que aquele que é capaz de se manter nesse nível, ou seja, de não ver senão o ponto onde o sujeito está nesta tarefa cujo fim é quando cai, até o último termo, o objeto "a", aquele que é desta espécie significa que é capaz, na relação com alguém que está ali em posição de cura,

de não se deixar absolutamente afetar por tudo quanto existe daquilo através de que todo ser humano se comunica em qualquer função com seu semelhante: o narcisismo até seu termo extremo que se chama amor. "Entre os seres humanos só existe narcisismo, e felizmente amor", diz ele. "Existe esta coisa que alguém que sabia falar do amor felizmente distinguiu: existe o gosto, existe a estima" (Lacan, 1967, p. 139).

Neste sentido é que o psicanalista não deve deixar entrar em jogo a chamada contra-transferência: não cabe aí nem o "tu me agradas" nem o "tu me desagradas". Isto é, o analista não pode confundir o sujeito suposto saber com sua própria pessoa.

3.10. A DIVISÃO DO SUJEITO

No final da análise o sujeito se reconhece como causado pelo objeto a, este objeto que especifica todo o movimento da psicanálise, este objeto que é corporificado pelo analista.

O sujeito é então causado na sua divisão de sujeito, na medida em que, no fim da análise, ele permanece marcado por esta hiância que é a sua e que se definiu na psicanálise sob forma de castração.

O sujeito depende desta causa que o faz dividido que se chama objeto "a", isto é, o sujeito não é causa de si, ele é consequência da perda e seria preciso que ele se colocasse na consequência da perda, aquela que constitui o objeto "a", para saber o que lhe falta.

"Um tal sujeito", se pergunta Lacan, "um sujeito definido como efeito de discurso, no ponto em que ele se faz uma prova de aí se perder para se reencontrar, um tal sujeito cujo exercício é de algum modo colocar-se à prova de sua própria demissão, quando poderemos dizer ao que se aplica um predicado?" (1967, p. 135)

De acordo com esta lógica, o sujeito é ninguém - como diz o próprio Lacan. Ele é evanescente, intervalar: sempre representado, sempre entre um significante e outro. Comparece para se perder:

"o sujeito, por nascer com o significante, nasce dividido. O sujeito é esse surgimento que, justo antes, como sujeito, não era nada, mas que, apenas aparecido,

se coagula em significante" (Lacan, 1979,
p. 188).

3.11. A "EXISTÊNCIA" DO PSICANALISTA

Lacan diz que a questão de saber como existe um psicanalista, é uma questão que se coloca quase nos mesmos termos daquilo que chamamos em lógica a questão da existência.

O analista, do que introduz uma nova ordem no mundo, deve tornar-se o dejetivo. Ao mesmo tempo em que ele é o suporte do ato, ele é quem se autoriza ao ato, e na mesma medida em que ele é superado pelo ato, pois que ele também sofre os efeitos desse mesmo ato, isto é, ele - o analista - torna-se o resíduo, este objeto a - ele é o sujeito do ato, isto é, um sujeito que, no ato, não é.

Podemos, então, nos perguntar: que, o quê, pode ser dito - predicado - "psicanalista"?

Podemos colocar a questão de saber qual é a qualificação do psicanalista. Uma coisa em todo caso é certa: é que não existe psicanalista sem psicanalizando.

Portanto, na medida em que o "a" (poderíamos falar na medida em que existe um ser, ser de psicanalista) está no lugar de agente o discurso analítico entra em ação, isto é, faz girar tudo de que se trata no destino do sujeito analisando, a saber: sua relação consigo, com a verdade, de fazê-lo girar pura e simplesmente...

O que é que pode querer dizer o ato psicanalítico se, com efeito, é igualmente o psicanalista quem comete o ato psicanalítico?

Isto significa certamente que o psicanalista não é todo objeto "a". Ele opera enquanto objeto "a". Mas o ato de que se trata é o ato que consiste em autorizar a tarefa psicanalisante com o que isto comporta de fé depositada no sujeito suposto saber. Isto quer dizer que o analista não recobre o lugar analítico, ou seja, não recobre a função que lhe corresponde. Ele faz o ato, mas é superado pelo mesmo. Aliás, sofre também os efeitos do mesmo.

É nesse sentido, frente a essa tarefa impossível de estar presente-ausente, de estar no lugar do morto, de ser o sujeito do ato, que Lacan diz que o ideal seria um analista sem ego.

4. CONCLUSÃO

"para que exista algo de novo é preciso que a ignorância exista" (Lacan, 1985, p. 392)

Isolar um conceito em psicanálise e tentar abordá-lo quase que exclusivamente, é uma tarefa difícil. Justamente porque este conceito não só não está isolado, solto, como automaticamente ele remete, solicita, invoca outros.

Assim foi que nessa abordagem, alguns assuntos foram tocados levemente, ora para formar um contexto mais amplo e compreensível, ora porque se impunham por si.

Se alguns outros foram abordados brevemente, isto se deu, às vezes, mais por uma imposição de tempo e espaço.

Se a análise não tem outro fim senão o de produzir analista, esta passagem de analisando a analista trás implícita, por exemplo, a questão da transmissão. O que até aqui foi escrito, pode servir de 'base' ou 'referência' para uma aproximação deste tema - que no momento se me descortina como chamariz para uma pesquisa a se iniciar.

Algumas questões, contudo, podem ser registradas:

- há transmissão na psicanálise?
- de que ordem?

- o quê se transmite?

- como se dá essa transmissão?

Essas questões dizem respeito não só à clínica, como também ao ensino da própria psicanálise.

Sobre o lugar do analista, o ideal teria sido fazer um paralelo, quase que a nível de sobreposição, entre Freud e Lacan.

Se ambos falam sobre a mesma questão, enfocando aspectos fundamentais, cada um o faz a seu modo e com as contribuições de que dispõe.

Ao forjar o conceito de sujeito suposto saber, Lacan sintetiza e concentra aí toda a questão que gira em torno da transferência. Estão aí: a própria questão transfenomênica com a qual lidam analista e analisando num processo de análise, a questão do amor, a relação do sujeito com o saber, e a questão mesma do sujeito como tal para a psicanálise.

Se o analisando deposita confiança no analista, há que se perguntar o que significa essa confiança.

Se há a transferência, é importante frisar que neste fenômeno estão incluídos, juntos, o sujeito e o analista.

Se o analista é suposto saber, ele é suposto saber o quê? Segundo Lacan, ele é suposto saber a significação. Ele é suposto saber partir ao encontro do desejo inconsciente.

Mas o que se passa nesse percurso, nessa busca do sujeito sobre si mesmo, sobre seu desejo, é algo da ordem do amor. E, como vimos em Freud, este ponto é nevrálgico. Se não há como evitá-lo, já que ele é essencial e ocorre independentemente da vontade tanto do analisando quanto do analista, a este cabe não só não interrompê-lo, como também não ceder a ele.

Freud disse que na análise, não se trata de nenhuma técnica afetiva. E, de acordo com Lacan, aquele a quem eu suponho o saber, a esse eu amo.

Daí a importância do lugar do analista: lugar impossível. Tanto Lacan quanto Freud chamaram a atenção sobre isso. Um preço tem que ser pago por quem pretende ocupar esse lugar. Lacan diz que é um triplice preço:

- o primeiro preço o analista o paga com suas palavras, isto é, na análise o que conta é o discurso do analisando. O analista não deve 'intrrometer-se' nesse discurso. Tem que saber calar-se. O que não quer dizer que não possa falar, mas que, ao fazê-lo, seja ou para que o analisando continue a falar, ou para interpretar o discurso dele.

- o segundo pagamento, o analista o faz com sua pessoa, na medida em que, pela transferência, ele é literalmente despossuído dela.

- e o terceiro é em relação ao julgamento. A análise é um juízo. O que deve nortear o analista deve ser a seguinte questão: qual a relação da ação do analisando com o desejo que a habita?

Outro aspecto importante a ser levado em conta: o analista tem que saber escutar cada sujeito na sua singularidade. Isto é óbvio, poderíamos dizer. Mas requer "jogo de cintura" por parte do analista. Mais ainda: é necessário que ele, na escuta, deixe de lado a teoria. Em psicanálise não se trata de compreender, já advertiu Lacan muitas vezes. Por sua vez Freud dizia que era necessário tomar cada caso como se nada soubéssemos do anterior. Não se trata de 'encaixar' os sujeitos numa teoria pré-

estabelecida, num saber pré-digerido, pois se o analista toma a palavra como ela deve ser tomada, é com o real que ele lida.

Na análise, a palavra do analisando é capaz de criar e de instaurar o real. "Longe de se limitar a dar sentido", diz Nasio, "a linguagem que habita o recinto analítico trabalha, estabelece lugares e espalha efeitos" (Nasio, 1988, p. 97).

Teoria e prática são domínios heterogêneos mas que coabitam devido a sua incompatibilidade. Não se trata de corrigir os impasses da teoria através das respostas da clínica, nem as insuficiências da clínica através da coerência da teoria (cf. Roudinesco, 1988, p. 555).

Essa postura implica a capacidade de se surpreender, capacidade essa que para o analista deveria ser infatigável. Nada nunca está definitivamente aprendido e sabido. Por mais que ele saiba, por mais que estude, é com a função do espanto, com a ordem do novo que ele tem que lidar. Esse novo o é também para ele, analista. O espanto, tão comum nas crianças e em geral 'perdido' nos adultos, é a capacidade de se pôr entre parênteses o já sabido.

Num texto freudiano de 1940 encontramos esta frase intrigante: "... o que desejamos ouvir de nosso paciente não é apenas o que ele sabe e esconde de outras pessoas; ele deve dizer-nos também o que não sabe" (1940a, p. 201).

Há um sentimento de estranheza nesta frase. Mas, parece que se está de acordo com isso, no que se refere ao trabalho analítico, isto é, que as coisas se dão assim mesmo. Mas, como?

Se retomarmos os 'escritos técnicos' de Freud, veremos aí um delineamento do lugar que o analista ocupa na relação psicanalítica, que ora sugere um ideal a ser atingido (impossível, aliás), ora relembra estar nesse lugar um ser humano como os demais...

O analista tem que saber o que faz, isto é certo... mas ele não sabe nada sobre o analisando. Mas este também não sabe sobre si - já que, inclusive, é essa questão mesma que o faz buscar alguém a quem ele supõe um saber.

Como pode, então, o analista desejar ouvir o que o analisando não sabe? (Não seria isto uma demanda do analista?)

Se Freud inventou a psicanálise, foi porque ele soube aprender de uma experiência, uma experiência com uma cliente que lhe pede para ficar calado e escutá-la porque ela queria, precisava falar mais. Daí surgiu essa estrutura: o analista escuta, como um Outro, o discurso do analisando.

E Lacan vem dizer mais tarde que o ouvinte tem um poder discricionário sobre a fala do emissor - o que faz com que este receba sua própria mensagem de uma forma invertida.

Estão aí: a interpretação, o corte, e o sujeito-suposto-saber.

Mas como pode alguém falar o que não sabe?

Dois níveis podem ser apontados aqui: o primeiro se refere ao que o próprio Freud já destacou ao falar que "o não-saber do analisando é de fato um não-querer-saber" (1895d, p. 326), e isto é da ordem do recalque, da rememoração.

O segundo nível se refere ao saber novo que advém do próprio discurso analítico, da própria experiência analítica (mesmo sendo ambos antitéticos): do não-saber do analisando: "o que é que ele (analista) quer de mim?", corresponde um não-saber do analista: "o que é que ele (analisando) deseja?"... daí resultando um SABER NOVO, do inconsciente, que não é nem do analisando, nem do analista.

Seja por rememoração, seja pela surpresa do dito do analisando, o que está em questão é o Sujeito - sempre representado no e pelo significante, e sempre de uma forma metafórica.

Portanto, Freud ao postular essa expectativa em relação ao analisando (falar o que não sabe) estava, uma vez mais, confiando no simbólico, estava reafirmando a descoberta do inconsciente, isto é, que o sujeito é falado pela língua, ou então, que "o falante diz sempre algo diferente do que quer dizer; e, solicita, ao mesmo tempo, ser entendido além do que diz" (Miller, 1988, p. 34).

É o ponto para o qual Lacan chama a atenção quando diz que "a posição do analista deve ser a de uma ignorantia docta, o que não quer dizer sábia, mas formal, e que pode ser para o sujeito formador" (Sem.1, p. 317).

Se o "sujeito que vem para a análise se coloca na posição daquele que ignora (...) se ele se engaja na pesquisa da verdade como tal, é porque se situa na dimensão da ignorância". Se há esse movimento por parte do analisando, há que se considerar também a ignorância do lado do analista. Este "não tem de guiar o sujeito num saber, mas nas vias de acesso a esse saber (...) deve mostrar-lhe que fala mal, quer dizer, que fala sem saber, como um ignorante, porque são as vias do seu erro que contam" (Lacan, 1979, p. 316-7).

Um outro ponto importante, nessa questão, é a da autorização.

Num determinado dia uma cliente chega se referindo à sessão anterior e diz que eu sou um bruxo. Pergunto: por que? Ela fala sobre alquimia... diz que na análise há uma "mistura de coisas que mexe com a gente". E logo em seguida me pergunta: "quem te autoriza a ficar aí?" e fica aguardando resposta.

Algumas questões podem ser postas, como:

- sou eu mesmo que me autorizo?
- a autorização vem dela ao me procurar?

Se Freud já frisou a impossibilidade desse lugar, essa pergunta tem sentido: não só se interrogar o que leva alguém a insistir em ocupar o lugar do analista, mas quem o autoriza a aí estar.

Esse foi o ponto de discórdia e ruptura de Lacan quando ele vem mostrar que - re-lendo Freud - só a análise possibilita ao sujeito passar do lugar de analisando para o lugar do analista. Ou então - que a única 'formação' (se quisermos usar esta palavra) para um analista, é a própria análise onde, inclusive, o querer-ser-analista deve ser aí também visto, questionado, 'analisado'.

No dito lacaniano: "o analista se autoriza por si mesmo", já está implicada a presença do analista, em primeiro lugar, para que o ato se dê. O analista se autoriza ao ato, ainda que seja ultrapassado por este. Ele não se autoriza de nenhum outro: o analista em seu consultório está só diante daquele que vem se confiar a ele.

Não há diploma de analista, não há garantia antecipada de ordem alguma. Analista não é profissão.

Então, poderíamos falar: pode ter havido análise (ao referirmo-nos à alguma experiência, a algum testemunho) mas analista, de forma alguma.

O analista não é nada. E isso é tudo.

A presença, ainda que efêmera mas eficaz, do discurso analítico é que possibilita a produção de um SABER NOVO, que faz emergir o sujeito - que possibilita e implica a rotação dos discursos.

Sabemos que o agente do discurso do analista é o objeto a - que é nada, é dejetivo. E Lacan frisa que cabe ao analista saber ocupar esse lugar de dejetivo.

Mais uma exigência aqui se impõe, ao analista: a de re-inventar a psicanálise.

Não há necessidade de que ele a re-invente de forma tão original quanto a de Lacan, por exemplo. Mas a exigência, ética, contida aí, é de que não se trata de repetir ou copiar Freud ou um outro qualquer. Trata-se de, num engajamento que o requer totalmente, poder fazer a psicanálise passar, ser transmitida, através de si, através de uma elaboração-interpretção inédita, por mais modesta que ela seja.

Porque o que está em jogo é o próprio inconsciente. Como diz Nasio: "não que o inconsciente seja o objeto transmissível, mas antes a transmissão é o inconsciente" (1988, p. 25). Nesse sentido a transmissão é a instauração em ato de um novo discurso. Algo novo se produz. Mas, como o real (o sujeito do inconsciente é da ordem do real) é o que não pára de não se escrever - ele é sempre o mesmo, mas comparece a cada vez de forma nova, diferente.

Assim faz sentido um retorno a Freud:

"retornar não é o retorno às fontes, mas o deixar que as fontes nos retornem. Assim a transmissão da psicanálise não se opera num retorno a Freud como retorno a seu pensamento, mas um retorno a nós, em nós, de seu dizer e de sua experiência" (Nasio, 1988, p. 28).

Assim, em cada ato analítico, a psicanálise é posta em questão - na medida em que o ato pelo qual Freud nos passou a psicanálise é neste momento retomado de uma forma singular e nova - e é também perpetuada como o mesmo (que se repete): a fecundidade do passe de Freud é renovada.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

1. CHEMAMA, Roland. Algumas reflexões sobre a neurose obsessiva a partir dos 'quatro discursos'. Lugar 8, Rio de Janeiro, publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, p. 133-46, 1980.
2. DOR, Joel. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
3. FREUD, Sigmund. Introdução à tradução de 'De la suggestion' de Bernheim (1888x), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.1 (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
4. _____. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histericos: Comunicação preliminar (1893a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.2. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
5. _____. Estudos sobre a histeria (1895d), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.2. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
6. _____. A interpretação dos sonhos (1900a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.4. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
7. _____. O método psicanalítico de Freud (1904a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.7. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
8. _____. Sobre a psicoterapia (1905a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.7. (Coleção Obras Completas de S. Freud).

9. FREUD, Sigmund. Tratamento psíquico (ou mental) (1905b), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.7. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 10.-----. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905e). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.7. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 11.-----. Psicanálise silvestre (1910k), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.11. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 12.-----. O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise (1911e), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 13.-----. A dinâmica da transferência (1912b), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 14.-----. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912e), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 15.-----. Sobre o início do tratamento (1913c), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 16.-----. Sobre a história do movimento psicanalítico (1914d), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 14. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
- 17.-----. Recordar, repetir e elaborar (1914g), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).

18. FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (1915a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.12. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
19. ----- . Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.17. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
20. ----- . Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos (1923c). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.19. (Coleção Obras Completas de S. Freud).
21. ----- . Um estudo autobiográfico (1925d). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.20. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
22. ----- . A questão da análise leiga (1926e), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.20. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
23. ----- . Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise (1933a), Conf. XXXIV. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.22. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
24. ----- . Análise terminável e interminável (1937c), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.23. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
25. ----- . Esboço de psicanálise (1940a), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23. (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
26. LACAN, Jacques. Écrits, Paris, Seuil, 1966.
27. ----- . O ato analítico, Seminário de 1967-1968. Paris, s.d. (texto traduzido).

28. LACAN, Jacques. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. (Coleção O Seminário, livro 1).
29. ----- . Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. (Coleção O Seminário, livro 11).
30. ----- . Radiofonía & Televisión. 2. ed. Barcelona, Anagrama, 1980.
31. ----- . Mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. (Coleção O Seminário, livro 20).
32. ----- . O eu na teoria de Freud e na prática da psicanálise. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1985. (Coleção O Seminário, livro 2).
33. MAGNO, M.D. Aos cães e aos porcos. Lugar ejus 9. Rio de Janeiro, publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, p. 9-19, set.1980.
34. ----- . Psicanálise & Polética. Rio de Janeiro, Aoutra, 1986.
35. MILLER, Jacques-Alain. Percurso de Lacan: uma introdução. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.
36. NASIO, Juan D. A criança magnífica da psicanálise. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.
37. OGILVIE, Bertrand. Lacan: a formação do conceito de sujeito. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.
38. ROUDINESCO, Elizabeth. História da Psicanálise na França. A batalha dos cem anos. v. 2.: 1925-1985. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.

BIBLIOGRAFIA

1. BATAILLE, Laurence. O umbigo do sonho. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.
2. CLAVREUL, Jean. A ordem médica. São Paulo, Brasiliense, 1983
3. DIDIER-WEILL, Alain. Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.
4. FREUD, Sigmund. Crítica de 'Der Hypnotismus', de Forel (1889a). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.1 (Coleção Obras Completas de Sigmund Freud).
5. _____. Hipnose (1891d). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 1.
6. _____. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898a). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 3.
7. _____. As perspectivas futuras da terapia analítica, (1910d). Rio, Imago, 1976, v. 11.
8. _____. Conferências introdutórias à psicanálise (1916x), Conf. XXVII. Rio, Imago, 1976, v.15.
9. _____. Conferências introdutórias à psicanálise (1916x), Conf. XXVIII. Rio, Imago, 1976, v. 16.
10. _____. Além do princípio do prazer (1920g). Rio, Imago, 1976, v. 18.
11. _____. Um breve relato da psicanálise (1924f). Rio, Imago, 1976, v. 19.
12. _____. As resistências à psicanálise (1925). Rio, Imago, 1976, v. 19..
13. _____. Construções em análise (1937d). Rio, Imago, 1976, v. 23.

14. JURANVILLE, Alain. Lacan e a Filosofia. Rio, J. Zahar, 1987.
15. LACAN, Jacques. A ética da psicanálise. Rio, J. Zahar, 1988. (Coleção O Seminário, livro 7).
16. MILLER, Jacques-Alain. Matemas I. Buenos Aires, Manantial, 1987.
17. RABINOVICH, Diana S. El psicoanalista entre el Amo y el Pedagogo. s.l., s.d. (texto xerocopiado).

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RIO,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Circe Navarro Vital Brazil
Profª Circe Navarro Vital Brazil
Professor Orientador - PUC/RIO

Claudia A. Garcia
Profª Claudia Amorim Garcia
PUC/RIO

José Nazar
Prof. José Nazar

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1989

Maria Eucharis Senna Motta
Profª Maria Eucharis Senna Motta
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de Teologia
e Ciências Humanas.